

IV Seminário de Comunicação e Territorialidade
“Comunicação contra as desigualdades”
PósCom-Ufes – Centro de Artes – Campus de Goiabeiras
17-18 de Outubro de 2018

Desastre da Samarco no Rio Doce: análise sobre as postagens da Multidão no Twitter

PALAVRAS-CHAVE: rio doce; multidão; desastre; redes sociais; twitter.

AIOLFI, Ricardo¹

Introdução

No dia 5 de novembro de 2015, o rompimento da barragem de Fundão, da empresa Samarco, no município de Mariana (MG), tomou as páginas dos jornais. A estimativa é que entre cinquenta milhões de metros cúbicos² de rejeitos de minério tenham sido lançados sobre o distrito de Bento Rodrigues, com uma enxurrada que atingiu o Rio Doce.

Segundo estudo da Bowker Associates (empresa de consultoria de gestão de riscos à construção pesada), o rompimento é considerado o maior desastre ambiental deste gênero em nível mundial. A estimativa da consultoria Cleary Gottlieb Steen & Hamilton LLP (CGSH) contratada pela Samarco, entretanto, apontam que o volume seria menor, de 32 milhões de m³ de rejeitos (MORGENSTERN et al, 2016).

A primeira explicação para o rompimento das barragens foi a de que um tremor de terra teria atingido a região, o que ausentaria a Samarco da responsabilidade pelo desastre, que, nesta visão, teria uma causa “natural”. Esta abordagem gerou revolta entre os usuários. O relatório da CGSH, concluído apenas em 2016, revelou que a estrutura da barragem de

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo. Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela mesma instituição. Bolsista da Capes, integrante do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) e do grupo de pesquisa ComRioComMar. E-mail: ricardoaiolfi@gmail.com.

² BOWKER ASSOCIATES. **Samarco dam failure largest by far in recorded history**. 2015. Disponível em: <<https://lindsaynewlandbowker.wordpress.com/2015/12/12/samarco-dam-failure-largest-by-far-in-recorded-history/>>. Acesso em: 05/12/2017.

Fundão já estava bastante comprometida e que os abalos sísmicos registrados na região naquele dia não seriam suficientes para causar o rompimento.

A Sociologia do Desastre defende que o desastre deve ser analisado para além do tempo cronológico (isto é, do momento da tragédia), numa esfera do tempo social, onde o tempo antes e depois da tragédia é visto como parte integrante do desastre. A disputa em torno da definição de desastre envolve uma disputa de narrativas entre atingidos e as grandes empresas (Valencio apud CFP, 2011).

Redes

O desenvolvimento da internet mudou consideravelmente o modo como a sociedade estabelece suas relações em níveis local e global. O marco desta sociedade de fluxos de informação instantâneos, nomeada por Castells (1999) como sociedade em rede, é exatamente o aumento da importância das informações e de suas trocas. Apesar de conter um novo paradigma de organização social, velhas lutas vêm se organizando, agora no formato de rede, para se fortalecerem contra o empresariado (capital).

Nomeada por Arquilla e Ronfeldt (2001), a guerra em rede (*netwar*) se caracteriza como um modo emergente de conflito em que os protagonistas usam estruturas de organização em rede e doutrinas, além de estratégias e tecnologias inter-relacionadas. Os protagonistas são organizações dispersas, pequenos grupos e indivíduos que se comunicam, se coordenam e dirigem campanhas de forma interconectada.

Para Castells, na atual sociedade, poder e comunicação estão intrinsicamente conectados. Define o poder como sendo “a capacidade relacional que permite a um ator social influenciar assimetricamente as decisões de outro(s) ator(es) social(is) de formas que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que detém o poder” (CASTELLS, 2015, p.57).

Raffestin (1993) também acredita que comunicação e poder estão intimamente interligados neste modelo de sociedade, sendo a primeira uma ponte para o estabelecimento das relações de poder. “Todo indivíduo está preso a uma rede de comunicação, da mesma forma que todo grupo e toda sociedade” (RAFFESTIN, 1993, p. 218).

Haesbaert (2004) defende que, se a territorialização faz parte do nível individual ou de pequenos grupos, a própria interação social cria o entrelaçamento desses territórios, o que demonstraria que, de algum modo, sempre teríamos vivido uma “multiterritorialidade”.

Seguindo a linha foucaultiana, Negri e Hardt (2001) utilizam o conceito de biopolítica, que é a forma de poder que regula a vida social por dentro, envolvendo a vida totalmente e que tem como papel primordial administrá-la. Nesta visão, as resistências deixam de ser marginais e se tornam ativas no centro de uma sociedade que se abre em redes. O exercício deste biopoder seria feito pelo Império, que já não estabelece um centro territorial de poder, nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas (NEGRI & HARDT, 2005). É dentro dele que a resistência seria expressada por meio da Multidão e a mudança social viria pela construção de um projeto comum pela multidão.

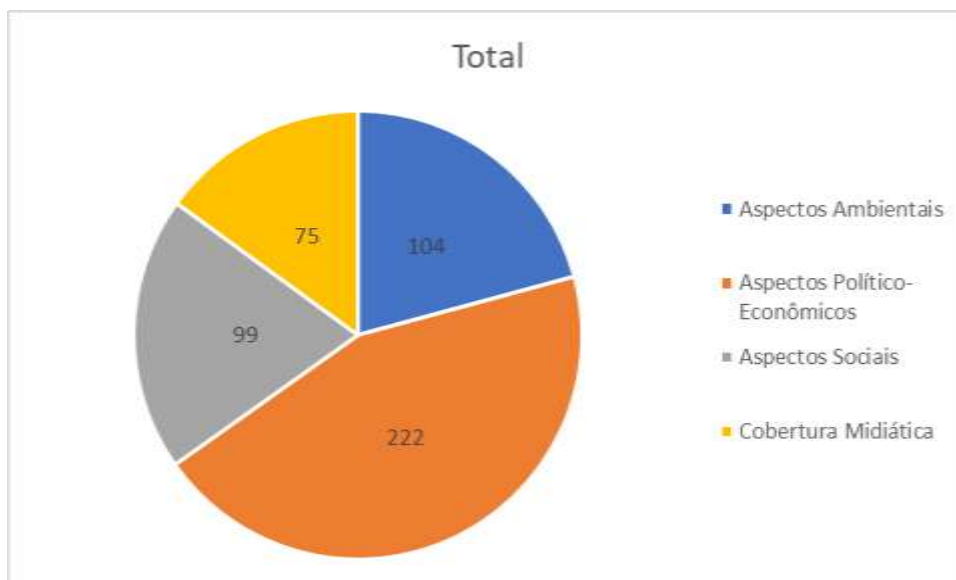
Metodologia

A fim de entender como os usuários do Twitter se configuram enquanto uma multidão, descrita por Negri e Hardt, esta pesquisa analisará os 500 top tweets (as postagens com maior número de compartilhamentos) entre 5 e 30 de novembro de 2015.

Uma categorização foi organizada para identificar as principais temáticas abordadas pelos usuários e, assim, entender de que forma esses pontos de vista se unem, ganham força e replicam suas vozes na rede a fim de combater as narrativas midiáticas e empresariais em torno do desastre. Classificamos os tweets em: Aspectos Ambientais; Sociais; Político-Econômicos e Midiáticos.

Análise dos dados: centralidade da água

A água (e seus termos variantes) ocupa papel central dentro da temática das postagens, já que é vetor e matéria do próprio rio em seu percurso até o mar e nas atividades desenvolvidas a partir dele. Isso define o papel central que ocupa desde a existência dos ecossistemas, agora contaminados por rejeitos, como as próprias necessidades de subsistência humana, os modos de vida das cidades que rodeiam o Rio Doce e a própria foz do Rio Doce, bem como as atividades econômicas instaladas ali que dependem do recurso hídrico para continuar suas atividades.



Dentro da amostra dos 500 maiores retweets, a categoria que alcançou o maior patamar no período de análise foi a que envolve aspectos político-econômicos, com 222 tweets. Em seguida, os aspectos ambientais, com 104; aspectos sociais com 99; e a cobertura midiática que rendeu 75 postagens sobre.

Conclusão

Levando em conta a característica do biopoder de definir através dos interesses (principalmente econômicos) o destino da vida das pessoas - numa lógica em que o lucro ocupa o primeiro plano - é importante perceber como a água tem centralidade nos tweets de diferentes categorias. Isso indica que o movimento da multidão é de questionar o modelo irresponsável de mineração existente no Brasil, bem como as relações do Estado com a iniciativa privada, negligenciando a fiscalização das barragens e das atividades das mineradoras.

O questionamento do modelo econômico trazido pelas postagens baseadas nas relações escusas entre Estado, políticos e empresas, demonstra uma insatisfação com a ideia do lucro a qualquer custo. Esta ideia valoriza inclusive uma outra noção de vivência, baseada nas experiências do cotidiano, da relação entre pessoas, no valor da vida humana. Soma-se a isso o papel do rio como vetor da vida, evidenciadas nos âmbitos sociais e ambientais, fonte de situações de contemplação do próprio fluxo existencial, de atividades de lazer, de subsistência.

O biopoder, assim, ao mesmo tempo que tenta controlar todos os aspectos da vida humana, também é responsável por permitir uma visão conjunta de uma vida sem essas

amarras econômicas, característica que acaba por impulsionar a ideia de um projeto comum, em que o ser humano valha mais que o lucro irresponsável das grandes empresas.

A multidão, neste sentido, surge a partir de um projeto que extrapola as fronteiras territoriais da Bacia do Rio Doce, promovendo-se por meio de um projeto de uma vida em segurança, que foge à esfera do poder (político e econômico) e volta-se também para a escolha da vida como forma de resistência. A produtividade e o desenvolvimento inconsequente, neste projeto da multidão, não é prioridade.

Contraditoriamente, o biopoder, que definiria o destino das pessoas, bem como as relações econômicas e de poder que se sujeitariam, é também a fonte de contestação da multidão, o ponto que une os sujeitos em torno de uma ideia de um outro destino possível.

REFERÊNCIAS

ARQUILLA, J; RONFELDT, D. **Networks and netwars: the future of terror, crime and militancy**. Santa Monica: RAND, 2001.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. Tradução: Vera Lúcia Mello Josceleyne. 1ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **A sociedade em rede**. 6ª edição. - São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). **Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação** / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2011.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MORGENSTERN, N. R. et al. **Relatório sobre as causas imediatas da ruptura da barragem de Fundão**. Mariana, MG: [s.n.], 2016.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

VALENCIO, N. **Para além do “dia do desastre”: o caso brasileiro – Coleção Ciências Sociais**. Curitiba: Appris, 2012